



**O UNIVERSO TERMINOLÓGICO DA CULTURA
AGROEXTRATIVISTA DO MARANHÃO: UM OLHAR SOBRE O
DISCURSO ESPECIALIZADO DE AGRICULTORES DE CANA-
DE-AÇÚCAR E DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DO
MARANHÃO**

Luís Henrique Serra¹ (UFMA)
luis.ufma@gmail.com

Theciana Silva Silveira² (IFMA/ UFSCar)
thecianasilveira@gmail.com

RESUMO: Este é um estudo sobre o discurso e sobre o léxico do universo especializado agrícola do Maranhão. Busca-se mostrar que os saberes tradicionais do povo do Maranhão são saberes especializados que apresentam estruturas conceituais que podem ser observadas com a análise do léxico e do discurso dos especialistas dessas culturas. Para ilustrar as discussões colocadas no texto, foram analisados dois universos diferentes de especialização agrícola da cultura econômica e da culinária do estado: a cana-de-açúcar e o coco babaçu. O *corpus* desta pesquisa é composto por uma compilação de unidades lexicais próprias desses universos que foram retiradas de entrevistas com plantadores e quebradeiras de coco babaçu de diferentes regiões do estado do Maranhão. O estudo toma como aporte teórico discussões feitas no âmbito da Terminologia Descritivista, campo de estudos que faz a descrição e análise dos discursos e do léxico especializado das diferentes áreas do saber humano. Nesse sentido, os dados mostram que embora os discursos apresentem macro campo conceituais semelhantes, as unidades lexicais revelam particularidades desse universo, tanto do ponto de vista conceitual quanto lexical. Os dois campos apresentam unidades lexicais para denominar cada ponto conceitual do universo de conceitos existentes e essa denominação está diretamente relacionada com o olhar do mundo de cada cultura especializada. Com a apresentação e a análise que se fazem aqui, é possível concluir que o reconhecimento desses campos como campos de conhecimentos específicos é importante para a conservação dessas culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso especializado; Cana-de-Açúcar; Babaçu; Campos Conceituais.

ABSTRACT: This study is about the discourse and the lexicon of the specialized agricultural universe from Maranhão. It shows that the traditional knowledge of people from Maranhão is a specialized knowledge that presents conceptual structures that can be observed in the analysis of the lexicon and the discourse of the specialists of these cultures. For making this discussion clearer, two different universes of agricultural specialization of the state were analyzed: sugar cane and babaçu coconut. The corpus of this research is composed of a compilation of lexical units of these universe that were taken from interviews with planters and babaçu coconut breakers from different regions of the state of Maranhão. The study takes as theoretical contribution discussions within the scope of descriptive terminology, field of studies that makes the description and analysis of the discourses and the specialized lexicon of the different areas of human knowledge. In this way, the data shows that although the discourses present similar macro

¹Professor Assistente A da Universidade Federal do Maranhão. Professor-pesquisador dos projetos Atlas Linguístico do Maranhão e do Brasil. Cursa doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo.

²Professora Substituta do Instituto Federal do Maranhão. Auxiliar de pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão e do Brasil e do Grupo de Estudos em Terminologia. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.



conceptual fields, the lexical units reveal particularities of this universe, both from conceptual and lexical point of view. The two fields present lexical units to denominate each conceptual point of the universe of existing concepts and this denomination is directly related to the look of the world of each specialized culture. With the presentation and the analysis that is done here, it is possible to conclude that the recognition of these fields as fields of specific knowledge is important for the conservation of these cultures.

KEYWORDS: Specialized Discourse; Sugarcane; Babaçu Coconut; Conceptual Fields.

1. Introdução

O Maranhão é um estado diversificado que apresenta diferentes culturas agrícolas nas diferentes regiões do Estado. Um dos maiores estados do Nordeste, em termos de área geográfica, o Estado apresenta uma população que vive, além de outras rendas, da agricultura de sobrevivência, que é a cultura agrícola feita de modo tradicional e sem uso de tecnologias. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) dão conta de que o estado possui quase um milhão de produtores³ rurais que têm como fonte de renda a agricultura e médio e pequeno porte.

A história do Maranhão se confunde com a própria história da agricultura, tendo em vista que foi por causa da agricultura da cana-de-açúcar que as cidades foram se formando e o Maranhão tornou-se em uma grande capital do Brasil no século XVI, graças ao auxílio da cultura do algodão. O Maranhão, como se sabe, já foi capital do País por conta de sua grande produção de Algodão, o que sustentava grande parte da província do Estado do Maranhão e Grão-Pará. Nesse sentido, o Maranhão sempre teve a economia como uma importante fonte de renda. Atualmente, é um importante produtor de soja, melancia e coco babaçu para o Brasil e fora dele.

Mesmo com o avançar das tecnologias, o Estado sempre preservou, talvez por conta do atraso da chegada da tecnologia do campo em algumas localidades, a face tradicional da produção agrícola, com prática rudimentares e produções familiares. Muitos dos produtos tradicionais, como o sabão de coco, a rapadura e a farinha d'água (ou farinha amarela) são produzidas por pequenos agricultores e são comercializadas

³ O número divulgado pelo Instituto, contando homens e mulheres, é de 914, 768 pessoas. Os dados dessa pesquisa e outros dados podem ser consultados no site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pesquisa/24/27745> acesso em: 20/01/2017.



nas feiras populares e em grandes redes de supermercado do Estado. A preservação dessa cultura criou um universo cultural muito rico e próprio, preservando muito da forma do homem do campo maranhense tem de construir seu próprio universo.

Um outro ponto importante dessa preservação é que o universo tradicional dos produtos agrícolas do estado guarda um conhecimento especializado que só quem participa desse universo conhece e sabe por em prática os saberes e os modos de plantio e de preservação dos produtos agrícolas, bem como, os pesos e as medidas utilizadas para o beneficiamento dos produtos que originam dessas culturas. Nesse sentido, é possível pensar em um profissional que é formado não pelas universidades ou pelos cursos técnicos dos institutos, mas sim, profissionais que se formam a partir da observação e da prática, que formam profissionais que têm um conhecimento técnico-especializado.

Uma clara evidência do saber desses profissionais é o seu discurso, que é permeado por unidades léxicas próprias, que caracterizam um discurso especializado. Nesses casos, o saber especializado é permeado por um conjunto de aspectos culturais e históricos que são próprios da identidade do povo do Maranhão e que precisam ser preservados, tendo em vista o avançar das tecnologias no setor agrícola, em especial.

Considerando esses fatos, este texto relata uma pesquisa feita em duas culturas tradicionais do Estado do Maranhão: as quebradeiras de coco e os plantadores de cana-de-açúcar. Trabalhadores de ambas culturas são considerados especialistas com um discurso especializado que pode ser analisado sob a luz das teorias do léxico e do discurso especializado, produzidas pela Terminologia, campo de estudos da Linguística que se ocupa dos saberes especializados.

Além da importância dessas culturas para a economia do estado, tanto popular quanto industrial, os dois campos agrícolas foram analisados tendo em vista que esses dois universos fazem parte das investigações do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), projeto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que forneceu os dados para esta investigação.



O objetivo deste trabalho é mostrar que esse discurso apresenta as mesmas características dos discursos de outras áreas do saber humano, e possuem estruturas conceituais semelhantes, no entanto, representam e organizam seu universo terminológico de forma particular. Nesse sentido, é possível descrever a realidade do universo desses plantadores de cana e quebradeiras nos campos conceituais apresentados como um saber especializado.

Fazendo isso, é possível mostrar a identidade que esse campo conceitual como um saber especializado. A partir dessas ideias, parte-se do pressuposto que os saberes tradicionais do Maranhão guardam um conhecimento valioso e histórico e que representa o Estado. Nesse sentido, entende-se que não é porque muitos desses especialistas não são escolarizados que se pode dizer que o conhecimento que eles têm não seja especializado. Os dados que são apresentados neste estudo dão base para essas ideias e discussões.

Para os objetivos do presente artigo, o texto foi organizado da seguinte forma: após as discussões iniciais, será feita uma rápida abordagem sobre os pressupostos basilares da Terminologia como um campo de estudos e análise, depois, será apresentada a metodologia de estudos da pesquisa, para, a seguir, apresentar os resultados e as discussões produzidas a partir da análise dos dados. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas que basearam este estudo.

2. A Terminologia e o discurso especializado: concepções teórico-metodológicas acerca do léxico e dos discursos especializados

A Linguística, há muito tempo, vem concebendo que todas as línguas podem ser analisadas a partir dos níveis que as compõem. Esses níveis, conforme apresenta Benveniste (1989), podem ser dividido entre o mais elementar, que é o nível do sons, que ficou a cargo da fonética, até níveis mais elevados da composição linguística, como



o discurso, de que se ocuparam os diferentes campos da Linguística do Texto e do uso da linguagem e do discurso. Entre os níveis mais elementares e o mais completo na classificação de Benveniste, que se sagrou e foi aceita quase que unanimemente pela Linguística e é utilizada até hoje em muitos campos da Linguística, encontra-se o nível léxico, que é o nível das unidades lexicais. Nesse nível linguístico, encontram-se as palavras, que são utilizadas no discurso.

A Lexicologia, campo da Linguística que se ocupa dos diversos fenômenos que incidem sobre o léxico, tem observado e registrado os diferentes fenômenos lexicais, acompanhado a criação e o desuso das diferentes unidades do léxico das diferentes línguas humanas. Tendo em vista a vastidão que o léxico apresenta e a dificuldade do registro tanto dos fenômenos quanto do próprio léxico, a Lexicologia divide-se em muitos outros campos de estudos que ficaram conhecidos como as ciências do léxico. As quais são a Lexicologia, que se ocupa do léxico geral ou comum; a Lexicografia, que se ocupa do registro e estudo do léxico em dicionários, mono e multilingue, eletrônicos e impressos; e a Terminologia, campo que se ocupa do léxico especializado, utilizado nos campos dos saberes humanos e nas práticas laborais. Este estudo insere-se entre os estudos da Terminologia.

Como campo de estudos, a Terminologia é relativamente recente. Muito embora o homem utilize-se de palavras específicas para nomear fenômenos e coisas do trabalho laboral ou do saber especializado, o interesse por essas unidades remonta a história recente das ciências. Desde quando, nas ciências biológicas, usou-se a linguagem para a classificar os seres e o eterno desejo do homem por uma língua universal, o léxico especializado tornou-se um objeto de muitos estudos que tinham o interesse de normatizar a comunicação humana.

Um dos grandes entusiasta dessas ideias é o engenheiro austríaco Eugen Wüster, que lança um conjunto de procedimentos e reflexões acerca da comunicação especializada, ou a comunicação no mundo do trabalho e do saber. Grande parte dessas reflexões ficou conhecida como a Teoria Geral dos Termos (TGT) e que foi seguida por muitos estudiosos que se interessavam pela linguagem no campo do trabalho. Dentre os



muitos pressupostos defendidos por Wüster e seus seguidores, o evitar a variação linguística e a produção de instrumentos linguísticos que normatizassem a língua natural foram e são até os dias atuais um dos grandes objetivos de uma das abordagens da Terminologia. Para Wüster, a variação linguística é um atrapalho comunicativo que os normatizadores (especialistas em padronizar a linguagem) deveriam evitar no mundo do trabalho especializado e também nos produtos lexicográficos internacionais, como dicionários e normas de uso de termos padrão (WÜSTER, 1998). Nesse sentido, Krieger (2000, p 212-213) explica que “(...) a Teoria Geral da Terminologia assume um caráter metodológico, de natureza prescritiva e normalizadora em detrimento da apreensão quanto aos modos de funcionamento dos léxicos terminológicos.”.

No entanto, com o interesse dos linguistas pelo léxico especializado, que se deu na década de 80 do século XX, a Terminologia ganhou novos pressupostos e passou a entender a unidade lexical especializada como uma unidade do léxico e que a variação linguística, tanto na ordem das denominações quanto na ordem do conceito, é um artifício importante na comunicação especializada. Essa nova perspectiva é um dos princípios norteadores para as discussões que norteiam e fundamentam a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem como principal representante Maria Teresa Cabré, linguista catalã, que define a sua teoria como uma teoria que reconhece a existência de “variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade e leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos”.(CABRÉ, 1999, p.120). Com esse novo paradigma, os estudos terminológicos passam a entender a variação como fenômeno imprescindível para compreensão da realidade linguística do universo terminológico.

Com esses novos pressupostos, a Terminologia apresenta uma linha de análise mais descritivista do que normativista, diferente da linha que pensava Wüster e seus seguidores. Nessa nova perspectiva, entende-se que seja necessário fazer a descrição dos diferentes universos especializados de modo mais real e não buscando o ideal, levando em conta, dessa forma, fatores como a polissemia, sinonímia, homonímia, entre outros fenômenos linguísticos que deveriam ser evitados, anteriormente.

Na abordagem descritivista da Terminologia, sob à luz da TCT, é possível entender que a linguagem do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar e das quebradeiras de coco é constituída a partir de um léxico especializado, com temáticas próprias e com um conhecimento que só um especialista na área em que eles atuam. É nesse sentido é que este estudo, com base nas discussões descritivistas e linguísticas da Terminologia, analisa as unidades lexicais do universo especializado agrícola do Maranhão.

2.1 A Terminologia e os diferentes saberes humanos: o conceito de linguagens especializadas

Na abordagem descritivista da Terminologia, muitas foram as discussões encerradas pelos linguistas acerca da unidade lexical do discurso especializado e de outros fatores que estão na base da comunicação especializada. Uma das que gerou muitas discussões dentro da abordagem foi a que versa sobre a natureza do discurso especializado. Uma das características da abordagem prescritivista baseada nos pressupostos da TGT é a de que a pesquisa no campo da Terminologia era feita exclusivamente no campo das engenharias e das técnicas. Outros campos ficavam de fora das reflexões dessa abordagem. Dessa forma, muitos dos pressupostos fundamentados por Wüster só concretizam em áreas que controlam a comunicação, com uma cultura comunicativa específica. Por conta de observar apenas um tipo de comunicação especializada, as reflexões wuestrianas não davam conta das outras áreas e domínios do saber humano. Conforme Krieger (2000, p 213) explica:

(...) as acuradas compreensões sobre os mecanismos dos léxicos terminológicos, a teoria clássica não ampliou seu poder explicativo, consolidando-se somente aquelas orientações metodológicas necessárias à produção terminográfica. Da mesma forma, se sobrepuseram as concepções normativas que auxiliaram a expandir e a consolidar a organização internacional da terminologia.

Na contramão do que postula a TGT ou a teoria clássica da Terminologia, como ficaram conhecidos os pressupostos teóricos de Wüster, os Terminólogos descritivistas preferem selecionar aspectos pragmáticos e linguísticos para fazer a descrição da comunicação especializada, considerando, nesse aspecto, critérios como situação comunicativa, o conhecimento especializado e a linguagem como critério para a identificação de um discurso especializado entre outros. Nesse sentido, Cabré define um discurso especializado a partir de diversas características que são próprias de todas os domínios especializados, preferindo ver o que é comum do que ditar o que deve ser feito. De acordo com essa autora:

Dizemos discurso especializado para nos referirmos a um conjunto de subcódigos (que, parcialmente, se sobrepõem com outros subcódigos da linguagem comum), que cada um pode ser “especialmente” caracterizado por certas particularidade como: tema de um campo, tipo de interlocutor, situação, falantes, intenção, o contexto em que a relação comunicativa ocorre, o tipo de relação etc. Situações em que as linguagens especializadas são usadas podem ser consideradas ‘marcadas’⁴. (CABRÉ, 1998, p. 59, tradução livre e grifos do original)

É considerando essas reflexões que este estudo entende que os agricultores do Maranhão, incluindo nisso, as quebradeiras de coco, são especialistas com uma linguagem especializada, utilizada em contexto de trabalho e que pode ser analisada como outra linguagem de outros campos em que o saber escolar é mais evidente, como a linguagem das ciências e das técnicas.

Nesse sentido, o estudo analisa os conceitos desses dois grandes campos agrícolas do maranhão buscando selecionar termos (unidades lexicais especializadas) que são comuns em ambos os discursos. Fazendo desse modo, é possível encontrar um lugar comum da grande área do discurso especializado da agricultura do Maranhão. É importante, primeiramente, explicar que uma linguagem especializada é, entre tantas coisas, uma representação de um campo especializado. Muito embora a abordagem

⁴ we speak of special or specialized languages to refer to a set of subcodes (that partially overlap with the subcodes of the general language), each of which can be ‘specifically’ characterized by certain particulars such as subject field, type of interlocutors, situation, speakers’ intentions, the context in which a communicative exchange occurs, the type of exchange, etc. Situations in which special languages are used can be considered as ‘marked’.



descritivistas não se ocupe inteiramente com o conceito, mas sim, com o funcionamento da linguagem, Kriger (2000, p 219) pondera que “a importância da problemática da conceituação para a terminologia reside na sua relação e nos seus efeitos sobre uma série de componentes e aspectos de interesse específico dos estudos terminológicos”. Dessa forma, olha para a estrutura conceitual de um campo especializado ajuda a compreender a organização e o olhar humano desse campo especializado em relação aos outros campos do saber.

Cumpra explicar, como faz Barbosa (2014), que o conceito é um elemento que estrutura o conhecimento especializado e ele mostra a identidade de um campo especializado, considerando nisso que cada campo especializado tem uma estrutura conceitual e pragmática específica, como será possível ver adiante neste estudo. Barbosa (2014) explica que o processo de conceptualização (ou da formação de um conceito ou de um campo especializado) se instaura no próprio processo discursivo, tendo em vista que um conceito só se torna válido dentro de um contexto discursivo específico. Nas palavras da autora “(...) é na instância discursiva que se produzem a *cognição* e a *semiose*, se instaura a *conceptualização* de um “fato”, se engendra um *conceito* e sua manifestação linguística” (BARBOSA, 2014, p. 413, grifos do original).

Para essa autora, o processo de construção de um campo conceitual passa diretamente pela experiência humana com o mundo e, a partir das sensações e das captações do homem pelos sentidos, é produzido um conjunto de informações neurais e cognitivas que, ao se estabelecerem na consciência de uma comunidade, cria-se um conjunto de modelos mentais que, “(...) correspondem, por seu turno, os recortes culturais, os recortes construídos, em última análise, os *designatas*” (BARBOSA, 2014, p.414-415, grifo original). Todo esse conhecimento acumulado e organizado no cognitivo da comunidade é expresso e revelado por meio das unidades lexicais ou dos termos, no caso dos universos especializados.

Barbosa(2014) explica que o conceito é, a partir desse percurso criativo, o conjunto de traços característicos das entidades do mundo. Esses traços se organizam em uma grande rede conceitual que se articula a partir de aspectos diferentes e

semelhantes entre os traços que as entidades desse conceito apresentam. A partir disso, Barbosa menciona que, nos diferentes universos especializados, o conceito é um “um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, intencionais modalizadores, *metametaconceito*.” (BARBOSA, 2014, p.419, grifo original). Em termos mais simples, o conceito especializado é um campo mais restrito do conceito em que o conhecimento especializado apresenta sua característica mais elementar, mostrando o olhar do especialista sobre o mundo que lhe cerca e apenas pela análise dos elementos lexicais do discurso especializado é que é possível ter a noção dessa pureza conceitual dos universos especializados.

A partir dessas ideias, este estudo busca apresentar os dois campos conceituais dos dois universos em tela e apresenta uma discussão sobre a importância do universo especializado agrícola do Maranhão por meio de dois grandes campos: a cana-de-açúcar e o coco babaçu..

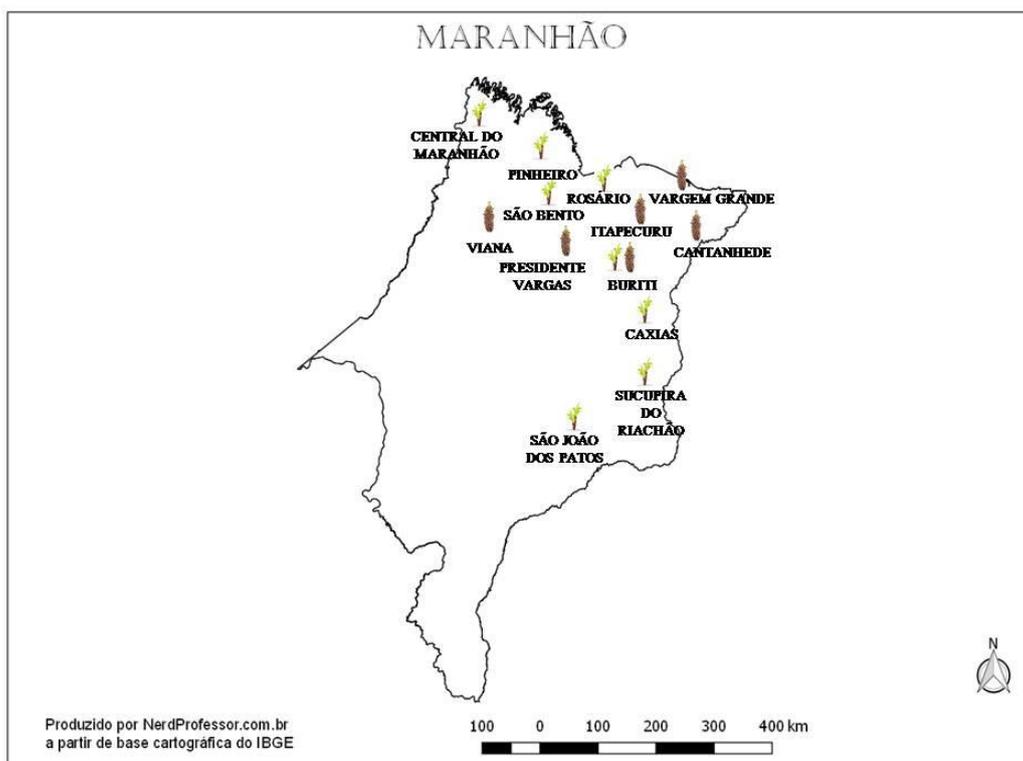
3. O universo terminológico da quebradeira de coco e o do agricultor de cana-de-açúcar: passos metodológicos

Os dados da pesquisa foram extraídos do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), na vertente Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses – área na qual este trabalho se insere, com os produtos Cana-de-açúcar e Babaçu. são feitas pesquisas nos campos especializados da mandioca, do milho e do arroz, além do coco babaçu e da cana-de-açúcar, todos os importantes produtos da balança comercial do Maranhão e produtos que fazem parte da cultura alimentar e ritualística do Maranhão.

O *corpus* é constituído de textos orais de 21 micro- e pequenos agricultores de cana-de-açúcar e de 10 quebradeiras de coco em municípios maranhenses produtores e consumidores de cana-de-açúcar e babaçu. Os dados desta pesquisa foram coletados *in loco* nos seguintes municípios maranhenses: Caxias, Buriti, Pinheiro, São Bento,

Central do Maranhão, Rosário, São João dos patos e Sucupira do Riachão; já para a recolha dos dados do babaçu foram selecionados os seguintes municípios: Buriti, Cantanhede, Itapecuru-Mirim, Presidente Vargas, São Bento, Vargem Grande e Viana. Para melhor visualização segue abaixo a figura 1 do mapa do Maranhão com a localização dos municípios investigados⁵.

Figura 1. Mapa do Maranhão com a localização dos municípios investigados



Foram aplicados aos especialistas os questionários semântico-lexical (QSL) específicos para cada produto. O questionário da cana-de-açúcar é composto por 55 questões relacionadas ao universo canavieiro, levando em conta cinco campos semânticos, são eles: plantação, colheita, beneficiamento, armazenamento e comercialização. O questionário do babaçu, por sua vez, é composto por 54 questões

⁵ O critério de seleção dos municípios é feito a partir das características dos municípios maranhenses, considerando o critério dos projetos maiores, o ALiMA e ALiB, além da importância econômica que os produtos agrícolas têm para o município. alguns desses municípios selecionados atendem a todos os critérios estabelecidos; outros foram selecionados apenas pelo aspecto econômico.



distribuídas em três campos semânticos: morfologia da palmeira, instrumentos e beneficiamento. Os informantes-especialistas são pessoas de ambos os sexos, que trabalham em lavoura há mais de 5 anos e são indivíduos maiores de 18 anos.

As aplicações dos questionários foram gravadas por meio de um gravador digital, que posteriormente foram transcritas, para então, extrair, selecionar e analisar os termos. Para extração dos termos, foi lançado mão o programa *Antconc*⁶ para buscar os termos mais frequentes e os contextos em que aparecem, para então elaborar a lista de termos. Desse modo, pôde-se comparar as listas elaboradas manualmente com aquelas geradas pelo programa e, ainda, constatar a validade dos termos.

Após a extração dos termos foram selecionados os seguintes campos semânticos em comum aos dois universos pesquisados: morfologia, instrumento e beneficiamento. Em seguida, elaborou-se duas tabelas com os termos que pertencentes aos campos semânticos escolhidos. A partir dessa seleção, analisa-se os campos conceituais dos quais os termos selecionados foram extraídos. A organização e a análise feitas são apresentadas a seguir.

4. O universo agrícola do Maranhão: alguns dados para a discussão

Considerando as ideias até agora discutidas, a título de ilustração dessa discussão, são apresentados os dados da pesquisa feita no Maranhão com os informantes-especialistas em cana-de-açúcar e na quebra e colheita de coco babaçu. A seguir, é feita uma apresentação geral dos dados e dos campos conceituais selecionados a título de ilustração do universo conceitual de ambos especialistas. Após a

⁶ O *AntConc* é um programa computacional gratuito, desenvolvido por Laurence Anthony, da Universidade de Waseda, no Japão. O programa consiste em um conjunto de ferramentas para análise de *corpus*. O *AntConc* possui sete ferramentas das quais utilizamos duas: *concordance* e *wordlist*. O *concordance* apresenta os resultados da pesquisa no formato *KeyWords In Context*. Isso significa que a palavra buscada (a palavra-chave) aparece no centro de um contexto cujo tamanho é delimitado pelo usuário, permitindo que vejamos o que vem antes e depois dos termos buscados. A ferramenta *wordlist* conta todas as palavras do *corpus* e as apresenta em forma de lista, permitindo encontrar rapidamente os candidatos a termos por meio da frequência ou por ordem alfabética.



apresentação de uma parte dos dados do banco de dados sobre os produtos extrativistas maranhenses, é apresentada uma análise comparativa entre os dois campos de conhecimento para observar as semelhanças e diferenças entre eles.

4.1. O discurso das quebradeiras de coco: dados terminológicos

O universo terminológico do babaçu apresenta uma grande riqueza lexical. Isso acontece, sobretudo, pelo fato de a atividade da quebra do coco ser desempenhada, em sua grande maioria, de forma manual e por mulheres. Apesar de várias tentativas de grandes empresas dominarem esse ramo com a criação de máquinas, por exemplo, apenas a cultura agrícola tradicional consegue de maneira manual que se pode aproveitar todas as partes do coco babaçu.

As quebradeiras de coco começam sua atividade buscando o coco babaçu que cai no chão. Pode-se também utilizar uma vara para derrubar os cachos de coco maduros que ainda não caíram. O cacho de coco preso na palmeira por meio da caçamba (parte da palmeira que abriga os cachos de coco babaçu). Após derrubarem os cachos, elas tiram os cocos, que, para ficarem presos ao cacho, são ligados à cachopa (parte da palmeira que possui formato de chapéu e serve para proteger o coco babaçu). Em seguida, armazenam os cocos em cofos (objeto feito de palha trançada, de formato redondo, que serve para guardar o coco babaçu) e transportam, na maioria das vezes, os cocos inteiros em suas cabeças ou ainda, podendo ser feito em animais de carga, todo esse produto para o local da quebra do coco.

As quebradeiras quebram o coco sentadas no chão, com uma das pernas esticadas e com o auxílio de um cacete (pedaço de pau, madeira, geralmente, de formato cilíndrico, usado para quebrar o coco babaçu) e de um machado começam a quebra do coco. O coco babaçu tem as suas quatro partes integralmente utilizada na indústria e no comércio local: (i) pele do coco - camada mais externa serve para uso e aplicações de estofados de carros, vasos, embalagens em substituição ao isopor, adubo orgânico, entre



outros; (ii) massa do coco - camada abaixo da pele rico em amido e serve para alimentação humana (leite de coco, fubá) ; (iii) casca do coco - camada mais resistente e serve como combustível substituto da lenha, pode ser aplicado na indústria alimentícia, farmacêutica , química e ainda é usado na confecção de diversos artesanatos; e (iv) caroço: semente do coco babaçu é utilizado para alimentação humana, produção de cosméticos e produtos de limpeza como pasta de brilho, sabonete e sabão de coco babaçu. Quase toda as espécies de coco babaçu possuem três ou quatro caroços em seu interior. Os caroços são sementes oleaginosas do coco babaçu e o óleo retirado dessas sementes é o produto mais comercialmente explorado, utilizado, principalmente, nas indústrias alimentícia, estética e medicinal.

Entretanto, apesar do óleo de babaçu ser o principal produto comercial, todas as partes do babaçu são utilizadas pelas famílias que trabalham na atividade de quebra do coco. Da palmeira, faz-se estrume, das folhas são feitos utensílios, como o abano, o cofo, a esteira, além de materiais utilizados na construção de casas, como cercas, portas e janelas. Quando a palmeira ainda está nova, é possível retirar o palmito do tronco, e, da amêndoa do coco babaçu, ainda se pode extrair o leite de coco. Com a massa do coco, são feitos alimentos e remédios, e, com a casca, é produzido o carvão. Para muitas famílias, o babaçu é muito mais do que a principal fonte de renda, é parte integrante do seu dia a dia.

Na Tabela 1, pode-se observar alguns dos termos utilizados pelas quebradeiras de coco.

Tabela 1. Termos do universo terminológico das quebradeiras de coco divididos por campos conceituais

Morfologia	Instrumento	Beneficiamento
<i>coco</i>	<i>machado</i>	<i>Óleo</i>
<i>palha</i>	<i>cacete</i>	<i>Carvão</i>
<i>cacho</i>	<i>cofo</i>	<i>sabonete de coco</i>
<i>cachopa</i>	<i>vara</i>	<i>sabão de coco</i>
<i>massa do coco</i>	<i>pilão</i>	<i>Cofo</i>
<i>pele do coco</i>		<i>pasta de brilho</i>
<i>casca do coco</i>		<i>leite de coco</i>
<i>caroço</i>		<i>Fubá</i>
<i>palmito</i>		

Os termos utilizados pelas quebradeiras é um reflexo de como elas concebem as entidades que fazem parte desse universo. A seleção de termos para designar cada entidade é feita de forma espontânea, uma vez que elas trazem consigo o conhecimento empírico da atividade. O uso de termos que são usados costumeiramente na língua corrente, ou seja, no dia a dia com outros sentidos, como os registrados nos dicionários, ao serem inseridos no contexto de especialidade, passam a ganhar novos conceitos.

4.2. O discurso do agricultor de cana-de-açúcar: dados terminológicos

A cultura popular da cana-de-açúcar no Maranhão é quase que completamente voltada para a produção de cachaça e rapadura. Ao longo da pesquisa, nos locais investigados, não foi possível encontrar produção de açúcar. Isso, talvez, se justifique pela alta complexidade do processo e pela rentabilidade que a cachaça tem nos comércios populares do Estado, sobretudo nas regiões dos municípios do continente maranhense.

O processo de plantio, colheita e beneficiamento apresentam uma complexidade bastante interessante, sobretudo, o beneficiamento. Primeiramente, a cana-de-açúcar não é uma cultura que convive bem com muita água, germina nos ambientes secos e temperados. O plantio é feito com todo o tronco da cana (colmo) ou com algumas tiras desse tronco (tolete/rolete). As “sementes” da cana são pequenas protuberância denominada de olho da cana e que ficam na articulação entre os colmos plantados, que, em menos de um mês, já surgem os primeiros pés de cana. A cana-de-açúcar pode ser plantada tanto em fileiras (linha) como em covas aleatórias (pé de galinha). A linha é a prática de plantio mais comum. Durante o desenvolvimento da cana, o terreno (canavial) é limpo mensalmente, tendo em vista que as folhas da cana caem e formam uma grande cobertura de folhas da cana (palha) que preserva a umidade do solo. A cana fica madura quando apresenta uma inflorescência no alto do colmo, chamada de ponteira ou seta. Para o corte e a limpeza do canavial, o patacho e a enxada são muito utilizados para a retirada dessa cobertura de folhas e para o corte dos colmos.

Muito embora economiza com a água, o canavial enfrenta muitas dificuldades com pragas, como fungos, erva daninha e pequenos insetos que atacam o canavial. Por isso, a limpeza deve sempre ser feita. Após um ano ou um ano e meio, a depender do tipo de cana, a cana é cortada da soqueira (que é um conjunto de canas que originam de um único colmo de cana-de-açúcar) e levada até o engenho com o auxílio de carroça de boi para a casa do engenho para ser beneficiada.

O beneficiamento é o mais complexo, por precisar de vários instrumentos como o engenho, onde é moída a cana, para a extração da garapa ou caldo de cana. Após a extração do caldo, é feita a limpeza por meio de filtros e peneiras, além de produtos químicos que agem sobre a acidez do líquido. Durante a limpeza do caldo, ele fica armazenado, durante quase uma semana, em litros grandes chamados de dorna. Após a limpeza, o caldo é levado ao forno para o beneficiamento.

O tempo em que ele fica no forno determina se o caldo vai se transformar em cachaça, rapadura ou mesmo garapa. Quando se transforma em cachaça, o processo mais complexo, é utilizado o alambique, que é um pote ou uma bacia que pode ser de barro ou de alumínio. Do alambique, o caldo é levado, por meio de um processo de destilação que acontece em um cano chamado serpentina, para dentro de tanque de água fria, transformando o gás em líquido (a cachaça), que sai do tanque pingando (daí o nome pinga) por uma torneira que enche vários litros de cachaça. Os primeiros litros são chamados de cachaça de cabeça (alto teor alcoólico, não servindo para o consumo), o líquido do quarto ao penúltimo litro é chamado de cachaça de coração (ou coração), com teor alcoólico moderado e é o que é comercializado e, por fim, os últimos litros são chamados de cachaça de rabo, com baixíssimo teor alcoólico.

Outros produtos feitos do beneficiamento do caldo são o mel e os tipos de rapadura, que são também denominados de tijolo.

Quadro 2 - Termos do universo terminológico da cana-de-açúcar divididos por campos conceituais

Morfologia da planta	Instrumento	Beneficiamento
<i>pé</i>	<i>carroça</i>	<i>rapadura</i>
<i>raiz</i>	<i>patacho</i>	<i>tijolo</i>
<i>folha</i>	<i>facão</i>	<i>garapa</i>
<i>flecha</i>	<i>dorna</i>	<i>mel</i>

<i>colmo</i>	<i>alambique</i>	<i>melaço</i>
<i>olho</i>	<i>tacho</i>	<i>rolete</i>
<i>tolete</i>	<i>forno</i>	<i>coração</i>
<i>palha</i>		<i>cachaça de rabo</i>
		<i>cachaça de cabeça</i>

Os termos desse universo, todas unidades lexicais colhidas do discurso dos plantadores de cana-de-açúcar, confirmam a tese defendida por Barbosa (2014) e pelos pressupostos teóricos da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), que mostram que o processo de conceptualização e construção do conceito são observados no discurso desses especialistas, mostrando que a linguagem especializada deles apresenta o universo cognitivo e conceitual deles. Observa-se que os termos podem apresentar diferentes organizações conceituais, e que esse saber é um saber organizado e que funciona como uma importante forma de registro de um saber acumulado por longos séculos. Os 23 termos apresentados nessa pequena amostra do universo da cana-de-açúcar do Maranhão são uma prova de um universo terminológico e conceitual bastante simples em termos de estrutura, mas organizado e complexo, em termos de conhecimento especializado.

4.3. Cotejando a cana e o coco: dois universos particulares, duas formas de organizar o mundo do trabalho especializado

Como se observa nos dois exemplos colocados, alguns termos são comuns, muito embora, as duas culturas sejam bastante diferentes. A cultura e colheita da cana-de-açúcar, por exemplo, é feita por meio do corte das mudas de cana e o transporte dos colmos até o engenho é feito por meio de carroça de boi ou carro de boi. Por outro lado,



o cultivo e o colheita do coco babaçu é feito por meio do arranque do alto da palmeira os cachos quando ainda não maduros e são transportados pelas próprias quebradeiras dentro de cofos, ou ainda, são transportados em animais de cargas. Dessa forma, em termos de campos conceituais, as quebradeiras não têm um campo conceitual da plantação, como têm outras culturas agrícolas. Além disso, no campo da colheita, o processo é mais simples, tendo em vista que as quebradeiras, muitas das vezes, colhem o coco do chão. Por outro lado, o do plantador de cana-de-açúcar tem um cuidado mais complexo, tendo em vista que a própria colheita e o plantio começam nos cuidados que o agricultor precisa ter com a terra e a qualidade e a quantidade de caldo, a matéria prima, dependem muito dos cuidados no momento da plantação e do desenvolvimento da planta.

Observe-se também que, no campo conceitual dos instrumentos, mais uma vez, a complexidade é um aspecto diferencial, tendo em vista que, no campo do universo da cana-de-açúcar, os termos nomeiam os conceitos que são tanto do campo plantação quanto do campo do beneficiamento, ou seja, tudo aquilo que é utilizado para a produção dos diferentes produtos além de para o cultivo da planta. No campo do universo do coco babaçu, no que diz respeito aos conceitos organizados no campo dos instrumentos, observa-se apenas a vara, o machado, o cofo e o cacete, instrumentos utilizados na colheita, tendo em vista que muitos dos produtos feitos pelas quebradeiras são artesanais, feitos manualmente ou com poucos instrumentos. Os plantadores de cana-de-açúcar que produzem a cachaça ou a rapadura, os chamados lambiqueiros, utilizam instrumentos complexos, como o alambique, a serpentina, o tanque de água, o tacho, a dorna entre outros, tendo em que vista que a cachaça artesanal passa por diversos processos até que fique pronta.

Em se tratando do beneficiamento, é possível observar que os agricultores e as quebradeiras utilizam a cana-de-açúcar e o coco babaçu, respectivamente, para produzir, sobretudo, alimentos para seu dia a dia e para que possa gerar renda na venda do produto. Os plantadores de cana produzem a garapa, mel e rapadura, que são alimentos muito consumidos e servem, inclusive, como medicamentos, no caso do mel. Já as



quebradeiras, como o babaçu produzem o óleo, fubá, leite de coco, entre outros produtos, que são fundamentais para o seu sustento.

Como se observa, a cultura da cana-de-açúcar e do coco babaçu, mesmo podendo ser feita no mesmo espaço geográfico, bem como, pelo mesmo especialista (não raro, é possível observar agricultores especialistas em várias culturas) apresentam formas de organização conceitual e complexidades distintas. Não que um seja mais complexo do que o outro, mas sim, ambos têm complexidades diferentes. Ambos os produtos fazem parte da cultura alimentar e econômica do estado e precisam ser reconhecidos como tal para a sua preservação e para a preservação da história e das raízes do povo do Maranhão. Os dados mostram que cada especialidade tem um modo específico de organizar sua cultura e seu universo conceitual, o que coaduna com os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia e o que defende Barbosa (2014). Cada campo conceitual é um campo organizado por um conjunto de seres humanos, com uma cultura e com um modo particular de olhar e de está no mundo e isso se reflete diretamente na organização conceitual de um campo do conhecimento e também na maneira da organização do trabalho.

Por fim, é importante lembrar, nesse sentido, que cada uma dessas culturas tem uma face industrial, que tem uma estrutura organizacional e termos diferentes, reforçando ainda mais a discussão sobre a organização conceitual de um campo reflète-se na complexidade e no discurso dos especialistas desse campo.

Considerações finais

Este texto teve como objetivo apresentar uma discussão acerca dos universos especializados, objeto de estudo dos estudos terminológicos. Buscou-se mostrar que cada campo conceitual tem um modo particular de organizar o mundo e esse modo está intimamente articulado com a cultura especializada e com a forma com que o especialista observa e conceptualiza o mundo. Para ilustrar as ideias dessa discussão,



foram escolhidos dois campos conceituais do universo agrícola do Maranhão em que é possível ver uma forma particular de cada um organizar seus conceitos e suas ideias. Embora apresentem macro estruturas conceituais parecidas, os campos conceituais Morfologia, Instrumento, Beneficiamento, um olhar mais de perto nesses macrocampos mostra que cada um organiza esses macrocampos a sua maneira.

Ambos campos foram escolhidos para mostrar que mesmo sendo, teoricamente, campos de trabalho e conhecimento diferentes, esses campos podem ser organizados conceitualmente, o que mostra que esse conhecimento, embora socialmente desvalorizado, é um conhecimento humano nos moldes das outras áreas do saber e do fazer humano.

Desse modo, pesquisar, coletar e analisar o conhecimento especializado desses especialistas é, de certo modo, reconhecê-los o valor e a importância que eles têm para o conhecimento cultural e sócio-cognitivo da cultura do Maranhão, tendo em vista que esses especialistas e o seu conhecimento têm dado espaço às grandes indústrias, que têm feito com que a cultura artesanal seja substituída pela cultura agrícola e capitalista de produção em massa. É necessário que esse universo discursivo, cognitivo e cultural sejam registrados e guardados para que a memória dele não se perca e conseqüentemente, não se perca a cultura do Maranhão.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Maria Aparecida. Formação do conceito em linguagens. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. (orgs.) **Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande:UFMS, 2014. p.413-424.

BENVENISTE, Èmile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1989.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993.

_____. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1999.

_____. **Terminology: theory, methods and applications**. Amsterdam, 1998.



KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia Revisitada. **D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. vol.16, n.2, pp.209-228, 2000.

SERRA, Luís Henrique. **O universo terminológico da cana-de-açúcar em duas perspectivas: o agrônomo e o agricultor**. 2014. 109f. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, Theciana Silva. **Maranhão, Terra das palmeiras: um estudo da sinonímia na terminologia do babaçu**. 2017. 139f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Traduc. María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1998.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2017.